



## **A ANÁLISE DA FOTOGRAFIA COMO ELEMENTO DE PRESERVAÇÃO E REGISTRO DA PAISAGEM**

**SOUZA, ALISSON SILVEIRA. (1); DIAS, DIEGO NOGUEIRA. (2)**

1. Universidade Federal de São João del-Rei. Arquitetura e Urbanismo  
Av. Visconde do Rio Preto, s/nº (Rodovia BR 494, km 02), Colônia do Bengo, São João del-Rei - MG  
alisson.silveira.souza@gmail.com

2. Universidade Federal de São João del-Rei. Arquitetura e Urbanismo  
Av. Visconde do Rio Preto, s/nº (Rodovia BR 494, km 02), Colônia do Bengo, São João del-Rei - MG  
diegofletcher@hotmail.com

### **RESUMO**

Muito se discute sobre a importância do registro histórico como fonte de preservação do patrimônio na atualidade. A cada dia nos deparamos com diversas situações onde ambientes são modificados ao longo dos anos e acabam por perderem peculiaridades que os caracterizam como tais. Outro fator importante é o de muitas vezes serem priorizadas algumas formas de registros em detrimentos de outras, como é o caso da valorização de fontes de registros escritos ou artísticos como pinturas, gravuras ou desenhos. Com o advento da era digital, as formas de serem registrados os locais, objetos e culturas cresceram de maneira vertiginosa, com a constante criação de novos meios de catalogação e armazenamento de dados, contribuindo vigorosamente para a sua conservação, além da facilidade de acesso e transferência de tais arquivos, que ficam disponíveis a inúmeras pessoas a todo o tempo e em diversas partes do mundo. Dessa maneira, o presente artigo busca discutir a utilização da fotografia como forma de registro histórico de paisagens urbanas em diversas épocas, tomando como estudo de caso a cidade histórica de São João del-Rei, em Minas Gerais. O registro, por meio das lentes da câmera fotográfica, nos permite identificar as principais características de determinados ambientes e os contextos em que se encontram, assim como, entender quais fatores levaram à alteração e conformação da paisagem local. Dessa forma, faz-se necessária a análise e comparação da paisagem atual com a de épocas distintas da cidade de São João del-Rei, por meio de fotos em diferentes tempos. Tendo como ponto de partida a fotografia como mecanismo de registro, preservação e perpetuação dos elementos da paisagem, busca-se aqui explicitar esse valor por meio da sobreposição de fotos, em mesmo ângulo, de diversos períodos da constante formação e adaptação de uma das mais tradicionais cidades históricas mineiras, para então identificar os entraves e potencialidades, de forma a buscar soluções para o futuro da paisagem nos centros históricos brasileiros.

**Palavras-chave:** Fotografia; Paisagem; Registro Arquitetônico.

## **Introdução**

Flusser, em seu livro *Filosofia da Caixa Preta*, afirma que

A fotografia não é o que se vê quando para elas se olha. Vistas ingenuamente significam cenas que se imprimiram automaticamente sobre superfícies. Mesmo um observador ingênuo admitiria que as cenas se imprimiram a partir de um determinado ponto de vista. (FLUSSER, 1985, p.22)

Muito se tem discutido sobre a importância do registro, que pode ser considerado aquilo produzido pela humanidade no tempo e no espaço: a herança material e imaterial deixada pelos antepassados que serve de base para a construção do conhecimento histórico e tudo o que diz respeito ao fato de se resguardar memória de um determinado ambiente. Paisagens são destruídas, modificadas e reconstruídas a cada dia com grande velocidade, sem a preocupação com as peculiaridades dos locais e suas relações históricas, acarretando a modificações drásticas nas visadas dos locais, muitas vezes descaracterizando-os.

Como apontado por Flusser (1985, p.25), as “fotografias são imagens técnicas que transcodificam conceitos em superfícies. Decifrá-las é descobrir o que os conceitos significam”. O principal objetivo desse estudo é a manipulação de registros fotográficos como uma grande forma de registro histórico do passado e do presente, utilizando fotografias em meio digital para analisar e comparar as ambiências em suas diferentes épocas, de modo a obter um panorama crítico sobre as principais modificações e os impactos acarretados pelas alterações ao longo dos anos, possibilitando sua ampliação posterior a estudos que corroborem para leis patrimoniais que visem uma maior preservação dos conjuntos históricos, primando-se pelo diálogo com os ambientes consolidados.

## **A obra fotográfica como registro histórico**

Ao considerarmos a paisagem como decorrente de diferentes processos de transformação construídos socialmente, é fácil a percepção e o entendimento de que ela não se esgota, e que a mudança de determinadas paisagens significam a substituição daquelas por outras, não necessariamente o seu fim, embora tais substituições possam representar mudanças negativas, provenientes de formas autoritárias e aleatórias. Se pensarmos na paisagem como resultado da ação das pessoas sobre a natureza, concluiremos que a passagem do tempo também altera suas formas.

Por isso, é de suma importância entender a fotografia como um suporte que guarda as marcas do passado e presente, pois, no momento de sua criação formaram a memória presente e, segundo Muad (1996, apud COELHO, 2009, p.14) ao “entrar em contato com este presente/passado o investimos de sentido, um sentido diverso daquele dado pelos contemporâneos da imagem, mas próprio à problemática a ser estudada”.

Se tivermos a compreensão de que a paisagem contemporânea é o resultado de uma série de fatores sobrepostos em tempos e espaços diferentes, partindo sempre da compreensão do fato no presente com o objetivo de resgatar os vestígios deixados pelas culturas de outras épocas, segundo Muad, (1996, apud COELHO, 2009, p.13) “historicamente, a fotografia compõe, juntamente com outros tipos de texto de caráter verbal e não-verbal, o contexto documental de uma determinada época.” De maneira que, a fotografia, pode ser utilizada como documentação histórica, ultrapassando seu mero caráter ilustrativo ou sentimental e desempenhando grande importância nas formas de suporte histórico, complementando sempre as demais evidências, sejam escritas, imagéticas ou empíricas dos fatos.

## **A fotografia e as novas tecnologias**

Ao tomarmos o registro fotográfico como instrumento documental de registro histórico, é importante o entendimento de que a fotografia é um recurso teórico e metodológico que possibilita a leitura e a construção de interpretações diversas das possíveis paisagens já existentes e suas transformações ao longo dos tempos. Os retratos são capazes de demonstrar com maior precisão os fatos de outros tempos, nos levando a reconstruir narrativas sobre as diferentes formas de interação de uma sociedade e suas relações com a natureza e as transformações que ambas se causavam.

Tendo em vista o advento das tecnologias digitais, e o avanço dos mecanismos de obtenção de imagens em cada vez mais altas resoluções, é de grande importância a produção de imagens das paisagens como forma de documentação e registro histórico presente. Para Pesavento, (1995, apud COELHO, 2009, p.12) “somos conduzidos a um campo do conhecimento que trata das criações e produções humanas e valoriza os registros deixados pelo homem como uma experiência sensível do mundo, podendo se oferecer à leitura e permitindo a apreensão de seus significados”, por isso, o fato de documentarmos os ambientes poderá nos proporcionar diversas possibilidades de análises ao longo do tempo, por meio das sobreposições dos fatos – e das imagens – em busca de circunstâncias que procuram acentuar a formação e a transformação da paisagem.

Outro ponto relevante é o fato das comparações entre as imagens presentes e as de outros tempos, que servem de subsídio para a apreensão das características atuais, em que diferentes camadas espaço e tempo podem ser confrontadas e novos métodos de análise como cronologias e sucessões de acontecimentos podem ser previstos bastando a análise das fotografias, possibilitando desvelar as diferentes nuances e estágios dos acontecimentos ao longo dos anos.

Fator importante também está na boa conservação das fotografias de outras épocas visto sua importância como fonte de documentação de outros períodos. Para isso faz-se necessário um grande zelo pelos locais onde serão guardados os registros e um especial cuidado nas suas utilizações para que não sejam danificadas, e sempre que necessário sejam realizadas vistorias e restaurações desses documentais.

### **A importância da preservação dos acervos fotográficos e sua compatibilização**

Dentre as diversas possibilidades de utilização de acervos fotográficos como registros históricos, é notável a necessidade da seleção de alguns conjuntos de imagens que permitem a apreensão de particularidades comuns a alguns ambientes, como linguagem plástica, enquadramentos, qualidade pictórica das imagens e períodos de retratação para que as fotografias possam possibilitar um percurso no tempo por meio de diferentes lentes, abarcadas em diversos períodos. Pode-se assim, agrupá-las em uma sequência cronológica, permitindo o estudo das principais mudanças ocorridas ao longo dos anos ou mesmo reunindo em um mesmo período as variadas formas de vida cotidiana nos ambientes.

Como forma de garantir os valores culturais, naturais e históricos dos ambientes, frente às rápidas transformações urbanas, é de suma importância munir-se, cada vez mais, das fotografias de ambiências urbanas visando o entendimento de situações para melhor adequação e gestão da paisagem. Faz-se necessária a elaboração de políticas públicas que levem em consideração questões como gabaritos de alturas das edificações preexistentes, leis de controlem afastamentos e ocupações das edificações e que priorizem a conservação das visadas principalmente em centros históricos. Para isso é importante que tais leis possam utilizar-se de características como o *skyline* gerado pelas fotografias ou as manchas de vegetação retratadas nos ambientes, para que sejam mantidas, adequadas e incorporadas às leis dos órgãos públicos como uma resposta às transformações documentadas ao longo dos anos.

Para que esse grande acervo imagético fique arquivado, com o advento de era digital, diferentes formas de armazenamento são aprimoradas de maneira a facilitar cada vez mais o arquivamento e catalogação dessas imagens. Dentre os meios de armazenamento, destacam-se os Discos Rígidos (*HDs*), que são sistemas de armazenamento magnéticos que comportam grandes proporções de arquivos de imagens e possuem níveis muito baixos de falhas, podendo também ter sistemas de recuperação de perdas (*backups*). Esses meios conseguem deixar as informações intactas por um longo período de tempo, uma vez que seus sistemas são à vácuo, livrando-os de intemperismos e ações de micro-organismos, além de os materiais que os compõe serem de alta durabilidade.

Com relação à compatibilidade desses sistemas, podem ser embutidos arquivos, juntamente com as fotografias, de conjuntos de instruções ou maneiras de se extraí-las, uma vez que podem ser modificados os *softwares* de leitura ao longo dos anos. Também é possível, por meios *online*, programas de leitores que podem fazer as conversões, ou instruções para que profissionais do ramo digital possam obter tais informações e convertê-las em imagens.

Uma das principais tecnologias atuais é o armazenamento em serviços que proveem armazenamentos remotos, também conhecidos como armazenamentos nas nuvens, de toda forma, tais serviços necessitam de potentes Discos Rígidos para seu funcionamento. Portanto, esse tipo de armazenamento é o mais utilizado na atualidade.

### **A fotografia como registro: análise de São João del-Rei**

Partindo da análise e comparação das paisagens atuais com diferentes épocas do passado de São João del-Rei, temos como mote a fotografia enquanto instrumento de registro documental que muito pode contribuir para a preservação dos elementos característicos das paisagens. Por meio da sobreposição das imagens, diferentes períodos são retratados deixando-nos uma imensa possibilidade de identificação de entraves e potencialidades de maneira a contribuir para a preservação da imagética dos centros urbanos.



Figura 1 – Casarão na década de 1920 e atualmente. Fonte da imagem em P&B: IPHAN - Museu Regional de São João del-Rei - 13ª Superintendência Regional – Minas Gerais. Arquivo digital. Foto imagem colorida: Alisson Silveira Souza.

Edificação à esquina da Avenida Eduardo Magalhães com rua Padre José Maria Xavier, cuja origem era residencial e hoje abriga o Memorial Tancredo Neves. A foto evidencia a manutenção tanto da volumetria original da edificação quanto dos materiais empregados em sua construção. Notam-se alterações no projeto original, como mudança da porta principal da avenida para a rua lateral e inserção de janela à extremidade direita. É possível avistar ainda as palmeiras imperiais remanescentes do Largo do São Francisco, ao fundo.



Figura 2 – Edificação do Museu Regional do IPHAN em 1944 e atualmente. Fonte da imagem em P&B: IPHAN - Museu Regional de São João del-Rei - 13ª Superintendência Regional – Minas Gerais. Arquivo digital. Foto imagem colorida: Alisson Silveira Souza.

A edificação acima, construída em 1859, foi residência do comendador João Antônio da Silva Mourão. Em seu primeiro pavimento funcionou uma loja de secos e molhados. O comendador faleceu em 1966 e a propriedade foi vendida em 1926 (IPHAN, 2015). Típica construção colonial com características ecléticas em sua fachada, a edificação passou por disputas de posse, chegando quase à total demolição na década de 1940 para dar lugar a um hotel. Tombada em seguida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, foi restaurada e desde 1954 abriga o Museu Regional do IPHAN em São João del-Rei, com acervo variando entre pinturas, objetos, esculturas e mobiliário. O registro fotográfico permitiu a reconstituição da volumetria e aberturas de acordo com o projeto original, resgatando um dos poucos edifícios coloniais de três pavimentos com da cidade.





Figura 3 – Vista Parcial da rua Santo Antônio nas primeiras décadas do século XX. Fonte da imagem em P&B: IPHAN - Museu Regional de São João del-Rei - 13ª Superintendência Regional – Minas Gerais. Arquivo digital. Foto imagem colorida: Alisson Silveira Souza.

A tradicional rua Santo Antônio se destaca na cidade por suas casas estritamente coloniais e “fora de prumo”, como dizem os arquitetos. São edificações em sua maioria de um pavimento, com paredes, portas e janelas irregulares. Uma das ruas mais antigas de São João del-Rei, apresenta calçamento atual similar ao em “pé-de-moleque” do início do século XX. Sua iluminação atual é provida por meio de luminárias fixadas nas paredes das edificações, com fiação subterrânea, que além de ter manutenção mais fácil e barata, diminui a poluição visual e dá destaque à arquitetura colonial.



Figura 4 – Largo São Francisco com a Igreja do referido santo ao fundo na segunda metade do século XIX e atualmente. Fonte da imagem em P&B: IPHAN - Museu Regional de São João del-Rei - 13ª Superintendência Regional – Minas Gerais. Arquivo digital. Foto imagem colorida: Alisson Silveira Souza.

O largo São Francisco é um dos cartões postais de São João del-Rei. Com risco inicial da fachada frontal desenhado por Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, a igreja, construída entre 1774 e 1809, é tombada pelo IPHAN. Possui um cemitério nos fundos onde estão enterrados personagens importantes da história da cidade como o político e presidente eleito Tancredo Neves. A foto do século XIX mostra o largo ainda sem delimitação da praça frontal, posteriormente projetada pelo paisagista Burle Marx, com presença de um chafariz

cujo paradeiro hoje é desconhecido e ainda sem o adro que hoje contorna a edificação. Com volumetria, planta e características totalmente preservadas, este ícone da arquitetura colonial recebe inúmeros visitantes todos os meses.



Figura 5 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário em três diferentes épocas: 1910, 1935 e atualmente. Fonte das imagens em P&B: IPHAN - Museu Regional de São João del-Rei - 13ª Superintendência Regional – Minas Gerais. Arquivo digital. Foto imagem colorida: Alisson Silveira Souza.

A religiosidade delimita a “Rua Direita” em São João del-Rei. Em uma das extremidades insere-se a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, fotos acima. Ao centro apresenta-se a Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar e de frente à Igreja do Rosário, na outra extremidade está a Igreja de Nossa Senhora do Carmo. A Igreja do Rosário está entre as mais modificadas ao longo dos anos dentre elas. Construída em 1751, sem torres, seu aspecto formal externo simples, guarda a história da mais antiga irmandade da cidade. A configuração volumétrica atual só se consolidou na década de 1930, quando foram edificadas suas torres sineiras. Com iluminação antes em postes, hoje as luminárias são fixas nas fachadas das casas, com fiação subterrânea. O largo à frente da igreja já possuiu diferentes conformações, sempre mantendo uma estátua ou busto como referencial. Em 1935 a área possuía um jardim como complemento do espaço aberto existente.





Figura 6 – Igreja de Nossa Senhora do Carmo em 1894 e atualmente. Fonte da imagem em P&B: IPHAN - Museu Regional de São João del-Rei - 13ª Superintendência Regional – Minas Gerais. Arquivo digital. Foto imagem colorida: Alisson Silveira Souza.

A Igreja de Nossa Senhora do Carmo teve a construção de sua fachada frontal iniciada em 1787. Seu Interior não apresenta o douramento característico das igrejas coloniais mineiras, mas um brilhante trabalho em talha. Juntamente com o cemitério da mesma irmandade, localizado a seu lado, a igreja é tombada pelo IPHAN. Na imagem, de 1894, a torre direita apresenta-se com sua cúpula bulbosa ausente devido a um raio que a atingiu, sendo reconstruída no mesmo ano. Nota-se a escadaria presente em seu largo, que juntamente com o calçamento em “pé-de-moleque” com inclinação voltada para o centro da via privilegiava o pedestre, ao contrário do que acontece atualmente. O entorno da foto mantém-se característico, com edificações em sua grande maioria preservadas.



Figura 7 – Vista parcial da atual rua Arthur Bernardes nas primeiras décadas do século XX e nos dias de hoje. Fonte da imagem em P&B: IPHAN - Museu Regional de São João del-Rei - 13ª Superintendência Regional – Minas Gerais. Arquivo digital. Foto imagem colorida: Alisson Silveira Souza.

A rua Arthur Bernardes, uma das principais ruas comerciais do centro histórico preserva sua volumetria e arquitetura comercial desde o início do século passado. Com edificações entre comerciais de um pavimento e sobrados comerciais/residenciais, tem grande fluxo de pessoas e veículos diariamente, mantendo viva sua essência. O calçamento entre as duas fotos se apresenta semelhante, assim como a largura das calçadas. As edificações coloniais modificaram suas fachadas durante o período do ecletismo (décadas de 1940 e 1950 aproximadamente) mantendo a tipologia e proporção de aberturas.



Figura 8 – Tradicional “Rua Direita”, hoje Getúlio Vargas em 1894 e atualmente. Fonte da imagem em P&B: IPHAN - Museu Regional de São João del-Rei - 13ª Superintendência Regional – Minas Gerais. Arquivo digital. Foto imagem colorida: Alisson Silveira Souza.

De volta à “Rua Direita” sempre presente nas cidades históricas mineiras, destaca-se na imagem do século XIX o calçamento sempre inclinado para o centro da via, de modo a facilitar o escoamento pluvial, e a ausência de calçadas. Ao fundo vê-se a torre da igreja do Carmo. Na foto atual estão presentes as grades que cercam o adro da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, que encontra-se recuada. O casario manteve sua volumetria preservada, com ênfase ao *skyline* tão característico das cidades coloniais.



Figura 9 – Vista da praça Embaixador Gastão da Cunha, mais conhecida como Largo Tamandaré a partir da sacada do terceiro pavimento do Museu Regional na década de 1940 e atualmente. Fonte



da imagem em P&B: IPHAN - Museu Regional de São João del-Rei - 13ª Superintendência Regional – Minas Gerais. Arquivo digital. Foto imagem colorida: Alisson Silveira Souza.

Adentrando a edificação do Museu Regional, têm-se a vista das imagens acima a partir da sacada do terceiro pavimento. O “Largo Tamandaré”, como é conhecido pela população sanjoanense, denominado Praça Embaixador Gastão da Cunha, já passou por diversas reformas e modificações de suas características no último século até adquirir a forma atual, que privilegia o estacionamento de veículos em detrimento do pedestre. As edificações em seu entorno são de uso comercial, com significativo número de construções de apenas um pavimento. O Museu Regional se destaca nessa paisagem por possuir três suntuosos pavimentos. Ao fundo da foto não colorida observa-se a área verde, em 1940, não ocupada pela malha urbana, diferentemente de hoje, onde se inserem diversos bairros, dentre eles o Guarda Mor, que aparece na foto atual em cores. A grande arborização da praça é um convite à permanência.



Figura 10 – Praça Francisco Neves com Igreja de Nossa Senhora das Mercês ao fundo nas primeiras décadas do século XX e atualmente. Fonte da imagem em P&B: IPHAN - Museu Regional de São João del-Rei - 13ª Superintendência Regional – Minas Gerais. Arquivo digital. Foto imagem colorida: Alisson Silveira Souza.

Encontra-se entre as principais igrejas do centro histórico de São João del-Rei, a Igreja de Nossa Senhora das Mercês é a menor em área construída. Localizada no alto de uma escadaria, de seu adro, é possível observar todo o centro histórico da cidade. Construída em 1877 em estilo Rococó, não recebeu o tombamento como patrimônio a nível Federal. Em posição estratégica, pode ser vista de diversas ruas de São João del-Rei. Em suas escadarias, ocorre a encenação do Descendimento da Cruz, uma das mais tradicionais cerimônias da Semana Santa. Da foto do início do século XX para a atual notam-se poucas modificações: dentre elas a construção do Hospital das Mercês em dois pavimentos, e a presença maciça de arborização na praça, além da substituição do calçamento por pedras mais regulares. A área também possui fiação subterrânea.



Figura 11 – Vista parcial do Córrego do Lenheiro com edificação do Museu Regional ao fundo a partir da Ponte do Rosário em 1884 e atualmente. Fonte da imagem em P&B: IPHAN - Museu Regional de São João del-Rei - 13ª Superintendência Regional – Minas Gerais. Arquivo digital. Foto imagem colorida: Alisson Silveira Souza.

Um dos registros fotográficos mais antigos da cidade de São João del-Rei, a foto à esquerda, acima apresenta em 1894, mostra o Córrego do Lenheiro seguindo seu curso livre, sem a canalização em alvenaria que ocorre atualmente. Ao lado esquerdo em primeiro plano vê-se um aqueduto em arcos, hoje inexistente. Ao fundo a então residência do comendador João Antônio Mourão, destacando-se na paisagem. Outro ponto marcante é a ausência de pavimentação urbana do lado direito do Córrego, onde a edificação em dois pavimentos não apresentava aberturas em seu primeiro pavimento para essa fachada provavelmente pelo risco de inundação devido às enchentes do Córrego.



Figura 12 – Vista parcial de São João del-Rei em três épocas distintas: reprodução da aquarela de Rugendas, de 1824; a cidade no início do século XX e atualmente. Fonte da reprodução da aquarela e da imagem em P&B: IPHAN - Museu Regional de São João del-Rei - 13ª Superintendência Regional – Minas Gerais. Arquivo digital. Foto imagem colorida: Alisson Silveira Souza.

Um dos primeiros registros de que se tem notícia da paisagem urbana de São João del-Rei, a aquarela de Rugendas de 1824, feita a partir do atual bairro Jardim Central, mostra a cidade assentando-se à beira das cadeias de montanhas, à margem do rio. Na segunda imagem em preto e branco a cidade apresenta-se já consolidada, com a presença da Estrada de Ferro Oeste de Minas - EFOM, inaugurada em 1881, que alavancou o crescimento periférico da cidade e contribuiu para seu espraiamento. A chaminé de fábrica em primeiro plano exemplifica a época industrial pela qual a cidade passava, com diversas

fábricas de tecido que escoavam sua produção pela linha férrea. Nessa imagem enfatiza-se o relevo natural pouco alterado. A imagem atual permite identificação da localização apenas pelo cume remanescente original que faz fundo à cidade, já com grande parte de sua área acidentada e ocupada por moradias.

### **O papel do registro fotográfico na legislação patrimonial**

São diversas as áreas beneficiadas por meio do registro fotográfico. Dentre elas merece destaque o fato de a fotografia propiciar a manutenção da imagem do local tal como ele foi construído e se consolidou ao longo do tempo, como referência para a população e para a continuação do imaginário histórico local. Exemplos se fazem presentes em diretrizes relacionadas à padronização de engenhos publicitários em fachadas e fiação subterrânea nas vias públicas, visando diminuir a poluição visual e manter mais íntegro e característico os centros urbanos históricos, assim como manutenção das pavimentações originais.

O registro fotográfico também atua como facilitador na construção de leis de uso e ocupação do solo das cidades como delimitador de áreas – espaços edificados e áreas verdes remanescentes no centros – assim como em parâmetros urbanísticos como gabarito das edificações, ritmos de fachada e vazios urbanos. Além de serem de grande valia na elaboração de laudos de conservação feitos por órgãos de patrimônio, que podem munir-se dos registros fotográficos antigos para análise, comparação e registro de inventários dos bens e monumentos, bem como seus estados de conservação e possíveis restaurações.

### **Considerações finais**

A análise e reflexão da paisagem teve o principal foco desse estudo por meio das fotografias como forma de compreender a configuração dos ambientes contemporâneos e as diversas camadas temporais que os compõe. Dessa maneira, o estudo das imagens pode ser entendido como uma grande fonte de registro de diferentes olhares sobre uma determinada ambiência em um tempo e com uma rica carga cultural que permite trazer o caráter subjetivo aprofundado da cidade. As fotografias, enquanto formas de registrar diferentes tempos, são uma grande testemunha das relações de transformação urbana, apresentando-se como uma ferramenta de pesquisa e fonte de investigação.

O observador é conduzido ao registro das criações humanas que valorizam a documentação em uma experiência sensível de mundo na tentativa de compreender seus significados. Nesse sentido, a discussão perpassa a paisagem como um fenômeno visível em busca de uma interpretação, munindo-se de uma bagagem conceitual e cultural.



A paisagem, com todas as suas nuances de enquadramentos, permite um enfoque para o meio, de maneira a integrar diversos aspectos entre a sociedade e a natureza, na mesma medida em que é capaz de expressar diferentes momentos de uma construção social em um determinado tempo.

Ao enveredarmos por essa tentativa de decifrar as paisagens de outros tempos, em que foi dada a imortalização de cenas momentâneas, Coelho argumenta que (2009, p.2), “devemos desenvolver um olhar especial que permita alcançar as diversas dimensões do espaço e tempo. [...] É possível ver no espaço transformado, destruído, desgastado, renovado pelo tempo, a cidade do passado e sua memória.”

Ao analisarmos as fotografias como uma grande maneira de auxiliar a preservação dos elementos que compõe a paisagem, é de clara apreensão a sua utilização como meio de documentação das mudanças ocorridas ao longo dos tempos e do leque de possibilidades para pesquisas em âmbitos como técnicas construtivas adotadas, a historiografia das localidades e os diferentes conceitos de conservação, preservação e modificação das ambiências com o passar dos anos.

## **Referências**

COELHO, L. C. A **Paisagem na Fotografia, os rastros da memória nas imagens**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, XIII. 2009. Florianópolis. Anais da ANPUR. Florianópolis: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2009. 20p.

FLUSSER, VILÉM. **Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Editoria Hucitec: São Paulo, 1985.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Arquivo fotográfico do Museu Regional**. Museu Regional de São João del-Rei. 13ª Superintendência Regional - Minas Gerais. Arquivo digital.

MUSEU REGIONAL. **Histórico do Museu Regional de São João del-Rei**. Museu Regional de São João del-Rei, 2015. Blog. Disponível em: <<http://museuregionaldesaojoaodelrei.blogspot.com.br/>>. Acesso em 03 nov. 2015.